

# O VOCABULÁRIO REGIONAL DE JORGE AMADO EM *TERRAS DO SEM FIM*

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)  
[rcrqueiroz@uol.com.br](mailto:rcrqueiroz@uol.com.br)

**Cada cultura foi ordenando, a seu modo, o caos primeiro através de seus mitos. A palavra assume assim nos mitos de cada cultura uma força transcendental; nela deitam raízes os entes e os acontecimentos. (BLDERMAN, 1998, p. 81)**

## 1. *Introdução*

Língua, literatura, cultura e sociedade mantêm relações que se expressam no léxico, pois este representa, através das palavras que o compõe, a história cultural da humanidade, porque é também um recorte das realidades de mundo e dos fatos de cultura. O léxico é o acervo no qual se depositam todas as manifestações linguísticas, literárias e culturais de uma dada sociedade. Deste modo, o homem, em sua ação de conhecimento do mundo, passou a nomear os seres, animados ou inanimados, a partir dos fluxos sociais, culturais e históricos.

As relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde uma termina e a outra começa. Além dessas relações, um outro fator entra em campo para também introduzir dúvidas quanto à linguagem utilizada por um determinado grupo sociocultural: é o fator geográfico, regional ou diatópico. (ARAGÃO, 2005, p. 1).

Entretanto, esse acervo e o modo de ver o mundo variam de língua para língua, de sociedade para sociedade, pois cada grupo tem sua maneira própria de conceber e de se expressar. De acordo com Vilela (1997, p. 31): “O léxico é [...] o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si.” Sendo assim, o mundo como o homem vê o mundo circundante se reflete na forma como categoriza as entidades componentes de sua realidade linguística e cultural.

[...] é no âmbito do léxico que verificamos com maior nitidez a deriva da língua, ou seja, as tendências já contidas no sistema, bem como as mudanças referentes a seu caráter dinâmico, mudanças essas que passam, num primeiro momento, pela esfera lexical. (OLIVEIRA, 1998, p. 111)

Assim, os artistas das palavras, ou escritores, trazem em seus textos as marcas do universo que estão retratando, demonstrando com isso todas as influências que a cultura exerce sobre a língua. Destarte, a partir da obra *Terras do sem fim* (1987), do escritor baiano Jorge Amado, apresentar-se-ão as lexias que integram o campo léxico-semântico das tradições regionais, pormenorizadas através dos microcampos: festas, condição financeira, negócios ilícitos, alimentação e vestimentas, pois

No âmbito dos estudos do léxico, dizemos que os itens lexicais com um traço de significação comum, relacionados a cores ou a atividades esportivas, por exemplo, pertencem a um mesmo campo conceitual e formam os chamados campos léxico-semânticos. A estrutura lexical de uma língua pode ser visualizada parcialmente a partir do estudo de cada um desses campos, que pode contribuir, inclusive, para a compreensão da relação entre a linguagem e a formação dos conceitos. (FERREIRA, 2009, p. 38)

Diante do exposto, estudar o vocabulário de um autor como Jorge Amado é enveredar pelas práticas sociais, pelos modos de vida, pela cultura, pelas tradições, pelos valores de uma dada comunidade, bem como compreender as próprias intenções autorais na seleção das unidades lexicais que integram o patrimônio lexical da língua portuguesa. Nas páginas do romance *Terras do sem fim*, transparece um vocabulário que é o reflexo e o retrato da forma como os seus personagens nomeiam o mundo circundante. É isso que interessa no presente texto, apresentar a estruturação desse vocabulário à luz da teoria dos campos léxico-semânticos.

## **2. Jorge Amado e a obra *Terras do Sem Fim***

O romance *Terras do sem fim*, publicado em 1943, retrata a história da luta de homens pela fixação e expansão das terras com qualidade para o plantio do cacau localizadas no sul do estado da Bahia. A trama se passa no início do século XX. Esses homens, ávidos pelo enriquecimento rápido, vinham de várias partes do país, pois o cacau era considerado mais valioso que ouro. Com isso, houve o desenvolvimento da região de Ilhéus. Contudo, aí aportavam os mais diferentes tipos humanos, atraídos pelas histórias de terras férteis e dinheiro em abundância.

Homens escreviam, homens que haviam ido antes, e contavam que o dinheiro era fácil, que era fácil também conseguir um pedaço de terra e plantá-la com uma árvore que se chamava cacaueteiro e que dava frutos cor de ouro que valiam mais que o próprio ouro. (AMADO, 1987, p. 26)

O enredo se desenvolve a partir da luta entre duas famílias pelo domínio das terras do Sequeiro Grande. De um lado estava o coronel Ho-

rácio da Silveira e do outro o coronel Sinhô Badaró que, além de buscar a expansão patrimonial também desejavam o aumento da força política. Os dois clãs determinavam as leis, havendo nisso lutas, mortes, traições. Entre a luta pela posse das terras e do poder político encontra-se Ester, esposa do coronel Horácio da Silveira. Moça educada em colégio de freiras em Salvador, casa-se com Horácio por imposição de seu pai, passando com isso a viver na fazenda, local que odiava. Por causa dos fortes embates entre os dois clãs, Ester é levada para a casa de Ilhéus, onde mantém um romance com o advogado Virgílio, contratado por seu marido. Horácio contraiu febre e por causa disso Ester retorna à fazenda, ficando ao lado do marido durante alguns dias. Após esse contato, Ester também fica doente, não resistindo e falecendo. Depois de algum tempo Horácio encontra cartas trocadas entre Ester e Virgílio, tomando conhecimento da traição da esposa e do advogado, decidindo assim matá-lo.

### **3. O estudo do vocabulário regional em *Terras do Sem Fim***

O estudo do vocabulário regional da obra *Terras do sem fim*, romance de Jorge Amado, cuja primeira edição data de 1943, sendo a quinquagésima sexta edição, publicada pela Editora Record e que serviu de base para o presente trabalho, teve como embasamento teórico os pressupostos estabelecidos por Eugenio Coseriu (1986) relacionados com o estudo do léxico a partir dos campos. Esse tipo de abordagem está relacionado com o conceito de família de palavras, ou conjunto que compreende unidades lexicais envolvidas em uma mesma zona de significação. Nessa direção aponta Ulmann (1964, p. 83) “[...]o vocabulário dá assim a impressão de um vasto arquivo ordenado, no qual todos os artigos da nossa experiência estão registrados e classificados”. O léxico é testemunho da sociedade e reflete os diferentes momentos pelos quais passou a história do grupo social que representa. Sendo assim, tomou-se como macrocampo o regional e, dentro deste, os microcampos festas, condição financeira, negócios ilícitos, alimentação e vestimentas.

Para a organização do vocabulário regional contido no romance *Terras do sem fim* foram adotados alguns critérios, a saber:

- As lexias foram separadas por categorias dentro do campo semântico estudado;
- As lexias foram apresentadas em letras maiúsculas e em negrito e dispostas na ordem em que aparecem na obra *Terras do sem fim*;

- As lexias compostas foram classificadas como locução;
- As entradas dos substantivos foram feitas no masculino ou feminino singular;
- As entradas dos verbos estão no infinitivo;
- As lexias foram apresentadas conforme constam nos dicionários e os exemplos de acordo com a obra sob análise;
- Após a entrada e a classificação foi apresentada a significação da lexia ou locução dentro do contexto específico, seguida por exemplos extraídos da obra, com a lexia em destaque.

### 3.1. O vocabulário através dos campos léxico-semânticos

#### 3.1.1. Microcampo festas

**FESTA DE SÃO JOSÉ** – loc. subs. ‘São José, um dos santos mais populares da Igreja Católica, é festejado no dia 19 de março’. → ‘Padroeiro de Tabocas, atual cidade de Itabuna’.

“Para que figurinos naquele fim de mundo, naquelas brenhas? Nas *festas de São José*, em Tabocas, [...]” (p. 54)

“Nas *festas de São José*, em Tabocas, nas festas de São Jorge, em Ilhéus, [...]” (p. 54)

**FESTA DE SÃO JORGE** – loc. subs. ‘São Jorge, santo patrono de muitos países, também o é da cidade de Ilhéus-BA. Seu martírio é comemorado no dia 23 de abril, dia em que lhe são rendidas homenagens’.

“Nas festas de São José, em Tabocas, nas *festas de São Jorge*, em Ilhéus, [...]” (p. 54)

“Ela viria à *feira de São Jorge*, em Ilhéus, mandara lhe dizer.” (p. 198)

**FESTA DA IGREJA** – loc. subs. ‘Comemoração realizada pela Igreja Católica’.

“Seu melhor sonho desses dias é uma viagem a Ilhéus, assistir às *festas da igreja*, uma procissão, uma quermesse com leilão de prendas.” (p. 56)

“– e ela passou a se contentar com os comentários, com as queixas feitas a todo mundo, com o ar de vítima resignada que punha nas *festas de igreja*.” (p. 109)

“Em meio aos ‘caxixes’, às lutas políticas, às intrigas, e às *festas da Igreja* ou da Maçonaria, vivia Tabocas, que antes não tivera nome e agora pensava em se chamar Itabuna.” (p. 139)

**PROCISSÃO** – subs. fem. ‘Préstimo religioso’.

“Seu melhor sonho desses dias é uma viagem a Ilhéus, assistir às festas da igreja, uma *procissão*, uma quermesse com leilão de prendas.” (p. 56)

**QUERMESSE** – subs. fem. ‘Feira beneficente’.

“Seu melhor sonho desses dias é uma viagem a Ilhéus, assistir às festas da igreja, uma *procissão*, uma *quermesse* com leilão de prendas.” (p. 56)

“E realizavam *quermesses* e bailes onde faziam coletas.” (p. 186)

**FESTA DE SÃO JOÃO** – loc. subs. ‘Comemoração em homenagem a São João, ocorrida no dia 24 de junho’. → ‘Festa muito popular no Nordeste brasileiro’.

“Quando Sinhô, pelas *festas de São João* e de Natal, lhe dava dez mil-réis, [...]” (p. 89)

### 3.1.2. *Microcampo condição financeira*

**CURTO DE ARAME** – loc. adj. ‘Com pouco ou sem dinheiro’.

“– Tou te desconhecendo, irmão. Tá *curto de arame*? ...” (p. 66)

**ARAME APERTADO** – loc. subs. ‘Com pouco ou sem dinheiro’.

“[...] a patroa dele andava com umas mazelas, o *arame apertado*, muito curto.” (p. 166)

### 3.1.3. *Microcampo negócios ilícitos*

**CAXIXE** – subs. masc. ‘Documento falso de propriedade usado para expulsar o pequeno lavrador de suas terras.’

“– Já ouviram falar em ‘*caxixe*’?”

– Diz que é um negócio de doutor que toma a terra dos outros ...

– Vem um advogado com um coronel, faz *caxixe*, a gente nem sabe onde vai parar os pés de cacau que a gente plantou ...” (p. 31)

“– O coronel Horácio fez um *caxixe* mais Dr. Rui, tomaram a roça que nós havia plantado ...” (p. 31)

“Na quietude de sua fazenda, Claudionor estudara o ‘*caxixe*’ e o realizara com a ajuda do Dr. Rui.” (p. 139)

“É o maior ‘*caxixe*’ que já ouvi falar... Doutor Virgílio molhou as mãos de Venâncio e registrou no cartório dele um título de propriedade das matas de Sequeiro Grande [...]” (p. 159)

“E o rico de hoje poderia ser o pobre de amanhã se um mais rico, junto com um advogado, fizesse um ‘*caxixe*’ bem feito e tomasse sua terra.” (p. 188)

#### 3.1.4. *Microcampo alimentação*

**CARNE SECA** – loc. subs. ‘Carne salgada e seca ao sol’.

“A fazenda era o levantar-se às quatro da manhã, preparar a *carne-seca* para comer ao meio dia com o *pirão* de farinha, beber a caneca de café [...]” (p. 86)

“[...] com a faca de partir *carne-seca*.” (p. 166)

**PIRÃO** – subs. masc. ‘Qualquer alimento farináceo apresentado na forma de pasta grossa’.

“A fazenda era o levantar-se às quatro da manhã, preparar a *carne-seca* para comer ao meio dia com o *pirão* de farinha, beber a caneca de café [...]” (p. 86)

**BÓIA** – subs. fem. ‘Qualquer comida’.

“Engoliam a *bóia*, derrubavam uma jaca mole de uma jaqueira qualquer e era a sobremesa.” (p. 86)

**PINGA** – subs. fem. ‘Cachaça’.

“- Traz uma *pinga*...” (p. 102)

#### 3.1.5. *Microcampo vestimentas*

**CAMISA DE BULGARIANA** – loc. adj. ‘Peça do vestuário feita de tecido simples e barato, geralmente de padronagem xadrez’.

“Tu já comprou calça e *camisa de bulgariana...*” (p. 98)

“[...] um trabalhador velho, pés descalços, *camisa de bulgarina (sic)*, [...]” (p. 151)

**CAMISA 1** – subs. fem. “Peça do vestuário masculino, de pano leve, com mangas curtas ou compridas, e que se veste ordinariamente sobre a pele e vai desde o pescoço até a altura dos quadris’.

“Arrancou a *camisa* e as calças, vestiu o camisolão de pequenas flores vermelhas bordadas no peito.” (p. 100)

**CAMISOLÃO** – subs. fem. ‘Camisa comprida de dormir’.

“Arrancou a *camisa* e as calças, vestiu o *camisolão* de pequenas flores vermelhas bordadas no peito.” (p. 100)

“Horácio saiu como estava, o candeeiro aceso numa mão, o *camisolão* até os pés, [...]” (p. 102)

“Maneca Dantas aproveita a saída de Ester para enfiar umas calças sobre o *camisolão*.” (p. 102)

“[...] o coronel tem rugas na testa, está enorme no cômico *camisolão*.” (p. 102)

**CAMISA 2** – subs. fem. ‘Peça do vestuário feminino, de pano leve, com mangas ou sem elas, e que vai desde o pescoço até mais ou menos ao joelho’.

“[...] e procurem ver sob a *camisa* de cambraia o corpo de Ester.” (p. 100)

“E, enquanto ele sai, ela salta da cama, veste uma bata sobre a *camisa*.” (p. 102)

“Uma que ainda estava em *camisa* saiu correndo para se vestir direito.” (p. 128)

**BATA** – subs. fem. ‘Vestido inteiriço folgado de que usam as mulheres pela manhã’.

“E, enquanto ele sai, ela salta da cama, veste uma *bata* sobre a *camisa*.” (p. 102)

“[...] a tal mulher chega na porta vestida com uma *bata* meio aberta na frente [...]” (p. 155)

#### 4. Considerações finais

Estudar o léxico, analisar como se constitui o vocabulário de um autor através de seu texto literário, permite o conhecimento do processo de comunicação utilizado pelos usuários de uma língua em sua interação social, sendo nesta que se reconhece o dinamismo do léxico e, por conseguinte, da própria língua em uso. Esse dinamismo é o reflexo dos movimentos de criação, renovação e expansão lexical. Pode-se inferir, tomando as palavras de Borba (2003, p. 45-46), que o léxico é: “[...] um acervo de conceitos que, pela sua natureza dinâmica, tem equilíbrio sempre instável não apenas por causa de pressões externas, mas ainda de transformações, migrações, reacomodações internas.”

Levando-se o exposto em consideração, e atentando-se para o fato de que o escritor Jorge Amado era usuário da língua portuguesa, pode-se concluir que ele, ao escrever o romance *Terras do sem fim*, possibilitou aos leitores uma infinidade de descobertas a respeito do modo de vida do grupo social que desbravou a região sul do estado da Bahia, no início do século XX, tais como: suas crenças, seus anseios, seus sentimentos, seu modo de ver o mundo, suas práticas sociais, sua cultura, suas tradições, os quais são produtos também de uma determinada época, pois “O Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares [...] (BIDERMAN, 2001, p. 179)”.

Destarte, a análise do universo regional contido no romance *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, permitiu o conhecimento de algumas lexias referentes às festas, condição financeira, negócios ilícitos, alimentação e vestimentas, sendo que aquelas podem ser encontradas em outros lugares que não especificamente a Bahia, pois fazem parte de um acervo maior que é o da língua portuguesa. O estudo da história das palavras nos revela as relações entre língua e cultura, pois, através do léxico, podem-se comprovar as marcas socioculturais de um determinado grupo transmitidas de geração em geração.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/>>. Acesso em: 8-06-2011.  
AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*, romance. 56. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. *O linguístico e o cultural nos contos populares paraibanos*. REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 57., 2005. Disponível em:

<[http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF\\_SIMP/textos/mariaaragao.htm](http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/mariaaragao.htm)>. Acesso em: 23-04-2012.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística qualitativa e computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo: USP, n. 2, p. 81-118, 1998.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. 2. ed. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1986.

GECKELER, Horts. *Semântica estrutural y teoria del campo léxico*. Tradução de Marcos Martínez Hernández. Madrid: Gredos, 1976.

FERREIRA, Maira Coutinho. Campos léxico-semânticos e o ensino de vocabulário de segunda língua. *Revista ProLíngua*, v. 2, n. 2, p. 38-47, jul.-dez. 2009. Disponível em: <<http://www.revistaprolingua.com.br/wp-content/uploads/2010/01/campos-lexico-semanticos-e-o-ensino-de-vocabulario-de.pdf>>. Acesso em: 21-04-2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalmente revista e ampliada. 4. reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; MELLO FRANCO, Francisco Manoel de. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado no Instituto Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Brasileirismos e regionalismos. *Alfa*, São Paulo, n. 42 (número especial), p. 109-120, 1998.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VILELA, Mário. O léxico do português: perspectivação geral. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo: USP, n. 1, p. 31-50, 1997.